

As Fábulas no processo de Alfabetização e Letramento

The Fables in the process Literacy and Literacy

Julia Maria Domingos Lima[†], Vera Vieira Martins[‡], Marinéa Silva Figueira Rodrigues^{*‡}

Resumo

Esse estudo teve por objetivo principal mostrar a importância das fábulas no processo de alfabetização e letramento da criança. Nesse sentido, buscou-se conceituar fábula na visão de elencados autores, discorrendo sobre o aparecimento das fábulas segundo a concepção de Esopo, Fedro, La Fontaine e finalmente no Brasil Monteiro Lobato. Posteriormente, descreveu-se a importância do trabalho com as fábulas no processo ensino aprendizagem, no que diz respeito à produção do texto e leitura e o seu desenvolvimento nos livros didáticos.

Palavras-Chave: Alfabetização; Fábula; Leitura; Letramento.

Como citar esse artigo. Rodrigues MSF, Lima JMD, Martins VV. As Fábulas no processo de Alfabetização e Letramento. Revista Mosaico. 2016 Jan./Jun.; 07 (1): 38-43.

Abstract

This study had the main objective to show the importance of fables in children's literacy and literacy process. In this sense, he sought to conceptualize fable in view of listed authors, discussing the emergence of fables according to the conception of Aesop, Phaedrus, La Fontaine and finally in Brazil Monteiro Lobato. Later, he described the importance of working with the fables in the learning process, regarding the production of text and reading and its development in textbooks.

Keywords: Literacy; Fable; Reading; Literacy.

Introdução

O homem sempre foi dotado de imaginação e criatividade, mesmo num tempo remoto onde o conhecimento científico nem sonhava existir, ele sentiu necessidade de contar suas histórias.

“Pode-se afirmar que a arte de contar histórias existiu sempre, desde quando o homem começou a falar e articular palavras. Provavelmente, começou com o homem sentado em sua caverna ao pé do fogo, contando suas bravatas às mulheres e crianças. Certamente teria melhor audiência aquele que descrevesse detalhes, na medida certa, sem demasia, que tivesse graça, humor, que fizesse sua plateia sentir as emoções descritas como se as tivesse vivido.” (DOHME, 2013, p.7).

O homem começou então a viajar pelas galáxias, a visitar deuses imortais que tudo podiam, dar raciocínio aos animais e criar fadas e duendes.

As lendas se transformaram então, em patrimônio, passando de geração a geração. “Tesouro do encantamento e dos sonhos”. (DOHME, 2013, p.7).

Nesse cenário, temos as fábulas que além do encantamento, quando bem escolhidas, estudadas, analisadas e preparadas adequadamente, podem ter a função de educar. Elas nos ensinam lições de vida, dando contexto a situações, sentimentos e valores que, quando

isolados, são difíceis de serem compreendidos pelas crianças. Essas narrações são saborosamente recebidas, desencadeando processos mentais nas crianças que levarão à formação de conceitos capazes de nortear o desenvolvimento de valores éticos e voltados para a formação da autoestima e a cooperação social.

O que é uma fábula?

A fábula, por muitos séculos e ainda hoje exerce um papel preponderante como suporte na sala de aula na transmissão de conhecimentos relacionados à moral e aos bons costumes. É um gênero textual muito interessante, divertido, agradável e convidativo para ser trabalhado na formação de leitores críticos e autônomos, tornando-se assim um excelente recurso didático para incentivar a leitura e a produção de texto.

Conceituando fábulas

Segundo Bagno (2006), “a fábula é um gênero literário antiquíssimo que perpetua em praticamente todas as culturas humanas, em todos os períodos históricos. O caráter universal da fábula se deve, sem qualquer dúvida, à sua estreita ligação com a sabedoria

Afiliação dos autores: [†] Graduada do curso de Pedagogia, Pró-Reitoria de Ciências da Saúde e Humanas, Universidade Severino Sombra, Vassouras-RJ, Brasil.

[‡] Mestrado Profissional em Mestrado Profissionalizante em Ensino de Ciências pelo Centro Universitário Plínio Leite, Niterói-RJ, Brasil. Professora e Coordenadora do curso de Pedagogia, Pró-Reitoria de Ciências da Saúde e Humanas, Universidade Severino Sombra, Vassouras-RJ, Brasil.

* Endereço para correspondência: Universidade Severino Sombra, Av. Exped. Oswaldo de Almeida Ramos, 280 - Centro - Vassouras, RJ - CEP 27700-000.
E-mail: marinea.rodrigues@hotmail.com

popular, pois esta é uma pequena narrativa que serve para elucidar algum vício ou alguma virtude, e terminando, geralmente, com uma lição de moral.”

Bagno (2006, p. 51) ainda acrescenta que:

“Até hoje, quando terminamos de contar um caso ou algum acontecimento interessante ou curioso, é comum anunciarmos o final de nossa narrativa dizendo: ‘moral da história’... Pois é justamente da tradição das fábulas que nos vem esse hábito de querer buscar uma explicação ou uma causa para as coisas que acontecem em nossa vida ou na vida dos outros, ou de tentar tirar delas, algum ensinamento útil, alguma lição prática.”

Nesse sentido, as fábulas podem ser consideradas como narrativas moralistas, pois essas histórias passam valores que resistem ao tempo. Apresentam como personagens, geralmente, animais, objetos ou criaturas imaginárias (criaturas fabulosas) que representam, de forma alegórica, os traços de caráter negativos ou positivos dos seres humanos. (BAGNO, 2006).

Fernandes (2001, p.19) ressalta que a fábula, entre outros gêneros narrativos, tem o papel de registrar as experiências e formas de vida dos povos. Baseada nessa premissa, “todas as histórias são produzidas de acordo com o que as pessoas de uma determinada época pensam sobre a sua sociedade, sobre o mundo e sobre o modo como vivem”.

“A fábula é um desses tipos de história de que estamos falando e são contadas há mais ou menos 2.800 anos. Geralmente, elas representam uma cena, vivida por animais, plantas ou objetos que falam e agem como se fossem gente. Elas são contadas ou escritas para dar um conselho, para alertar sobre algo que pode acontecer na vida real, para transmitir algum ensinamento, para fazer alguma crítica, uma ironia etc. por isso, muitas vezes, no finalzinho das fábulas, isto é, quando a história acaba, aparece uma frase destacada, que costumamos chamar de moral da história. A maioria dessas histórias trata de certas atitudes humanas, como a disputa, a ganância, a gratidão, o ser bondoso, o não ser tolo etc.” (FERNANDES, 2001, p.17).

Já Abílio e Mattos (2006, p.86) acrescentam que “a fábula é uma narrativa pequena, que apresenta uma moralidade ao final: ‘essa moralidade, em última análise, é um provérbio, uma máxima reveladora de uma visão estática de mundo, que expressa o senso comum’. Seus personagens são animais que assumem comportamento humano, mostrando questões relacionadas às relações éticas, políticas ou questões de comportamento.”

Mesquita (2002, p. 68) afirma que:

[...] a fábula é um gênero comum a todas as literaturas e a todos os tempos, porque pertence ao folclore primitivo. É um produto espontâneo da imaginação, já que consiste numa narração fictícia breve, escrita em estilo simples e fácil, destinada a divertir e a instruir, realçando, sob acção alegórica, uma ideia abstracta, permitindo, desta forma, apresentar de maneira aceitável, muitas vezes mesmo

agradável, uma verdade moral, o que de outro modo seria árido e difícil.

A identidade de um povo se fundamenta pela preservação das suas histórias, lendas, usos e costumes, pertencendo, portanto ao seu patrimônio coletivo.

Silva (2012) caracteriza a fábula como uma narrativa curta, em prosa e verso, usada para ilustrar um vício ou uma virtude, dividindo-a em duas partes distintas: a primeira narra um acontecimento e a segunda a moral, ou seja, o significado da história.

Este gênero (fábula) costuma mencionar modelos adequados e inadequados de comportamento na sociedade, atuando sob uma perspectiva ética. Proporciona também uma leitura crítica, sendo um instrumento para a transformação do senso crítico; possibilita também a observação de situações de conflito, favorecendo a análise de soluções; desafia os alunos a reflexões e críticas de comportamentos, propiciando a capacidade de avaliar conflitos do cotidiano, haja vista, que os problemas da fábula e os conflitos apresentam muitas vezes soluções análogas aos diferentes aspectos da vida cotidiana, levando o leitor a se identificar-se.

De acordo com Greco (2010), as fábulas trazem consigo uma ideologia, que perpassa da história protagonizada por animais com comportamentos e características humanas, pois sempre ocorre uma disputa entre os bons e os maus, os fortes e fracos, os gananciosos e humildes.

As fábulas estão entre as primeiras narrativas literárias do mundo, não podendo ser determinada com exatidão sua origem. Acredita-se que as fábulas surgiram no Oriente, especificamente, na Índia, mas o mérito de criação desse gênero, ficou com a Grécia (SILVA, 2011).

Conta à história que “os Gregos chamavam a fábula de *apólogo*, significando esta palavra, uma pequena narrativa que encerra uma lição de moral. A palavra latina fábula vem do verbo *‘fabulare’*, logo, narrar, conversar, sendo oriunda da tradição oral. Foi através da palavra latina fábula que vem o substantivo português fala, e o verbo falar.” (ALVES, 2007).

Pereira (2005, p.3) argumenta que historicamente, a fábula tem evoluído muito em seu conceito e tem acolhido múltiplos sentidos em cada época distinta. No Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa encontramos cinco significados:

- “1. Pequena narrativa alegórica em prosa ou em verso, de intenção moralizadora, cujo personagens são, muitas vezes, animais ou seres inanimados. – Apólogo.
2. Narração de factos imaginários, inventados, fictícios. – Conto, ficção, lenda.
3. História dos deuses pagãos; narrativa mitológica.
4. Conjunto de acontecimentos ligados entre si que constituiu a acção ou o argumento de uma obra de ficção. – Enredo, fabulação, intriga.
5. O que se torna objecto de crítica pública, de zombaria.”

Para o autor, existe uma variedade de significados de Fábula, mas a dimensão alegórica da fábula é sem dúvida alguma a característica mais inédita de uma narrativa elementar que pretende educar crianças e contribuir para a sabedoria dos adultos, divertindo-os com os exemplos de um mundo que lhes é relativamente familiar. Nesse sentido, “é necessário ler para lá da letra, compreender para lá da história, tal como a moral nos incentiva constantemente”. (PEREIRA, 2005, p.3).

Portela (1983) afirma que a fábula apresenta duas partes substanciais: uma narrativa breve e uma lição ou ensinamento. Segundo o autor, La Fontaine chamou essas duas partes de corpo e alma da fábula. O corpo estaria representado pela narrativa que trabalha as imagens e dá forma às ideias. A alma seria as verdades corporificadas na narrativa.

Alega também, que a palavra fábula encerra as seguintes acepções: narração alegórica, cujos personagens são representados por animais e que encerra uma lição moral; mitologia, lenda: os deuses da fábula e narração de coisas imaginárias: ficção.

Acrescenta ainda que a fábula apresenta a seguinte estrutura: 1. as unidades da fábula - a fábula é épica e dramática ao mesmo tempo. É um drama em miniatura em que domina a unidade lugar, tempo e de ação. Por isso, não pode haver mais de um conflito, drama ou ação; 2. Esquema geral da fábula - na sua forma mais rígida a fábula se resume a uma ação, reação ou discurso/contradiscorso. Geralmente é só um brevíssimo diálogo, em que uma personagem afirma uma coisa e a outra nega ou retruca; 3. Linguagem da fábula - todas as palavras são medidas e direcionadas para um alvo bem definido, predominando como linguagem, o diálogo (conversa entre duas pessoas que manifestam as divergências, os conflitos e os atritos); 4. Personagens da fábula - baseada nas características como brevidade objetividade, unidade de ação, espaço e tempo e especialmente a finalidade, determinam o reduzidíssimo número de personagens.

De Esopo a Monteiro Lobato

Segundo Souza (2003), Esopo é considerado como o pai das fábulas, pois foi o primeiro a fazer uso do gênero literário para, ao mesmo tempo, criticar, divertir, moralizar e ensinar. Através da sua genialidade, a fábula passou a ser reconhecida e popularizada como gênero específico desde a Antiguidade. Ainda é questionada a sua existência. Os relatos desse autor são oriundos do historiador grego Heródoto. Segundo ele, Esopo era um escravo, oriundo da Frígia, que viveu no século VI. a.C., por volta de 550 a. C., que utilizou-se da fábula de maneira satirizada, inteligente e bem humorada, fazendo com que sua aparência semelhante a um anão, e sua condição social inferior fossem superadas pela sua sagacidade e sabedoria, Para tanto, adaptava as histórias

de modo que todos pudessem entender o que estava acontecendo naquela sociedade em termos sociopolítico, dando virtudes e defeitos humanos a animais, fazendo a fusão homens e animais.

Holanda e Ronai (1998, p.50) explicitam que Esopo tinha a fábula como um escudo e arma de combate, pois “a tradição pinta-o como um escravo aleijado, mísero e feio, cujas imperfeições físicas eram, porém, compensadas pelos dotes do espírito”. Para ele, as fábulas nada mais eram do que uma arma, por meio de suas alusões defendia-se dos inimigos e ao mesmo tempo os agredia.

Corroborando tais ideias, Abílio e Mattos (2006, p.51) acrescentam que:

“As fábulas têm sua origem tão remota que é difícil fixá-la, mas sabemos que foi Esopo, no século VI a.C., na Grécia antiga, o responsável por introduzir as fábulas na tradição escrita. Muitos séculos depois, a escrita das fábulas foi retomada por diversos escritores do mundo inteiro, sendo que, no século XVII, coube ao acadêmico francês La Fontaine, o redimensionamento e a renovação desse gênero tão antigo.”

Segundo Bagno (2006) “na história do Ocidente, encontramos grandes autores de fábulas. Na Grécia antiga, o mais famoso, já citado, foi Esopo, que viveu entre os séculos VII e VI antes de Cristo. Segundo a tradição Esopo era um grande contador de histórias, mas não deixou nenhuma fábula escrita. Seus apólogos foram registrados de forma literária muito tempo depois, por outros autores. Entre eles podemos citar, o romano Fedro (15 a.C. – 50 d.C.), o mais importante de todos, que se declarava admirador e imitador de Esopo. Para ele as fábulas tem dupla finalidade: entreter e aconselhar. Podemos citar algumas fábulas de Fedro, que se tornaram extremamente conhecidas, são elas: ‘O lobo e o cordeiro’, ‘A raposa e o corvo’, ‘A rã e os bois’ e a mais conhecida ‘A raposa e as uvas’.”

Já no século XVII, na França, viveu o mais marcante e importante fabulista da era moderna, Jean de La Fontaine (1621-1695). Compôs suas próprias fábulas, reescrevendo em versos franceses muitas das fábulas antigas de Esopo e de Fedro, sendo dele a fábula mais conhecida de todo o Ocidente, A cigarra e a formiga. (BAGNO, 2006).

Segundo Coelho (2010, p.165), La Fontaine reinventou a fábula a partir do modelo latino e do oriental oferecido pelos textos do indiano Pilpay, introduzindo-a definitivamente na literatura ocidental. Nesse momento já aparece uma preocupação de análise, a fim de definir a matéria reinventada. No prefácio da sua Coletânea de 1668, ele já estipulava: “O apólogo é composto de duas partes [...] o corpo é a fábula, a alma são os valores”. Utilizou as fábulas para criticar e denunciar as injustiças, tiranias, mostrando às crianças a vida como ela é. Em suas fábulas, assegura que o

melhor é ser esperto (inteligente) porque o forte sempre vence, “sendo a astúcia, a única forma de derrotar a força.”. Esse gênero narrativo permanece até hoje e, por ser curto tem o poder de prender a atenção, de entreter e deixar um ensinamento.

“Nas escolas dos países de língua francesa, as fábulas de La Fontaine são reverenciadas, estudadas e aprendidas pelas crianças, desde o início de sua escolarização, pois são de fácil memorização. (BAGNO, 2006).

Abílio e Mattos (2006) argumentam que Monteiro Lobato (1882- 1948) na primeira metade do século XX, já trabalhava com fábula. Corroborando tais ideias, Bagno (2006) acrescenta que em seu processo de criar uma literatura brasileira direcionada para o público de crianças e jovens, o grande Monteiro Lobato também se encantou por este gênero tradicional. Pois no seu livro “Fábulas”, recontam em prosa brasileira moderna as antigas fábulas de Esopo, Fedro e La Fontaine, como também apresenta algumas de sua própria autoria, como: *A garça velha, As duas cachorras e As duas panelas*.

Esse livro de Monteiro Lobato é considerado um dos melhores existentes no Brasil para se trabalhar o gênero fábula em sala de aula, pois além do texto propriamente dito, após cada uma das narrativas, proporciona as animadas discussões que a fábula provoca no círculo de personagens que povoam o Sítio do Pica-pau Amarelo. (BAGNO, 2006, p. 51)

“Dona Benta, que narra às fábulas, representa a voz da tradição. A opinião ponderada e refletida das pessoas já vividas. Tia Nastácia, representante da sabedoria popular, também se mostra bastante inclinada a aceitar a moral das fábulas. Pedrinho e Narizinho fazem comentários de acordo com seu espírito irrequieto de crianças curiosas e dispostas a aprender, enquanto a irreverente Emília tenta, a cada momento, contestar a lição de moral que a fábula encerra. Uma proposta interessante para a abordagem da fábula em sala de aula seria tentar reproduzir de algum modo esse ambiente do Sítio do Pica-pau Amarelo. O professor poderia narrar à fábula, ou lê-la junto com os alunos, garantindo que cada um ou cada dupla tenha uma cópia e em seguida debater os valores morais contidos na história.” (BAGNO, 2006, p. 51).

Muitos escritores, humoristas, teatrólogos e artistas em geral, tem se preocupado na reavaliação das fábulas tradicionais. “A fábula da cigarra e da formiga talvez tenha sido aquela que mais passou por esse tipo de (re)-interpretação. Humoristas como Jô Soares e Millôr Fernandes já fizeram suas paródias dessa historinha muito conhecida”. (BAGNO, 2006, p.52).

Trabalhar com as fábulas pode provocar boas discussões em torno de temáticas como “a solidariedade, a injustiça social, a vaidade, a ganância, o espírito de vingança, o autoritarismo etc.”, levando os nossos alunos a refletirem sobre essas questões tão importantes nos dias atuais. (BAGNO, 2006, p. 51).

A importância da fábula no processo de ensino aprendizagem

O trabalho com a leitura de fábulas deve ser constante em sala de aula, tanto no meio escolar quanto fora dele. Seu objetivo principal é formar leitores competentes e proficientes. A fábula também é uma excelente atividade de reflexão sobre o comportamento humano, exigindo do professor uma participação crítica, levando os educandos a realizarem uma leitura reflexiva de forma que percebam a ação dos personagens, relacionando-as aos acontecimentos do dia a dia e do seu próprio contexto social. Pela sua versatilidade, a criança enxerga com maior facilidade as diversas situações, orientações e aprendizado.

Ler fábulas em sala de aula pode despertar no aluno o interesse em conhecer e estudar outras histórias, incentiva a formação do hábito de leitura como também a produção textual.

Segundo Bagno (2006), as fábulas podem ser vistas como uma importante aliada, tanto para o trabalho pedagógico com a língua oral, a leitura e a língua escrita, quanto para um trabalho numa perspectiva sociológica e antropológica, visto que oferecem toda uma análise e ou explicação para inúmeros comportamentos sociais e de traços de personalidade dos indivíduos. O que justifica a presença deste gênero literário já nos primeiros anos escolares.

Lievegoed (1994) considera a fábula uma narrativa indicada para a fase inicial de alfabetização das crianças após os sete anos.

Afirma que:

“As crianças só podem compreender com a ajuda da palavra falada; só pode compreender ao falar ela própria. Neste período, muito deveria ser-lhe contado – sem abstração, sem nexos com qualquer atividade utilitária, mas com muita fantasia, vida e ação. Contos de fadas e **fábulas**, bem como a matéria de ensino vazada em narrativas, podem constituir o alimento adequado.” (LIEVEGOED, 1994, p.60).

O autor enfatiza a importância de se trabalhar em sala de aula nas classes de alfabetização através das narrativas dos contos de fadas e das fábulas, pois as mesmas levam a criança a ouvir, a fantasiar, a interpretar...

Faria (2013, p.24) argumenta que as narrativas tradicionais ou modernas “podem ser definidas como “expressão de modificações de um estado inicial”. Por isso, a estrutura das narrativas é essencialmente temporal.”

São fases de uma narrativa:

“a) Situação Inicial: apresenta um estado de equilíbrio ou já um problema.

b) Desenvolvimento; o equilíbrio passa a desequilíbrio com o surgimento de um problema. O “miolo” da narrativa

concentra as tentativas de solução, com ou sem ajuda de pessoas ou atos reais ou da ordem do maravilhoso.

c) Desenlace: pode ser feliz ou infeliz. No desenlace feliz, há a solução do problema e a recuperação do equilíbrio. No infeliz, o problema não é resolvido e o equilíbrio inicial não é recuperado.” (FARIA, 2013, p.24 – 25).

Almeida (2010, p.114) sugere uma série de pontos importantes para explorar a leitura numa fábula, a saber:

- “1. Qual é o repertório de leitura necessário para a compreensão da fábula?
2. Resgatar os aspectos culturais trabalhados pela fábula.
3. Desenvolver uma escuta ativa, orientada e colaborativa para que o aluno perceba as nuances da fábula.
4. Analisar o aspecto temático trabalhado pela fábula e trazê-lo para a realidade do aluno.
5. Elaborar um roteiro com as palavras mais relevantes retiradas da fábula para a discussão logo após o encerramento da leitura.
6. Isolar um fato da fábula para analisá-lo a partir da experiência vivida ou não, pelo aluno.
7. Considerar os elementos não verbais apresentados pela fábula.
8. Verificar as interferências das vozes e de outras imagens para a compreensão final da fábula.”

Corroborando tais ideias, Marcushi (1999) diz que o processo de interação texto – leitor na leitura de fábulas é observado no modo como o contexto sociocultural e os conhecimentos individuais influenciam na interpretação que o leitor faz da leitura, pois os conhecimentos individuais afetam decisivamente a compreensão, de modo que o sentido não reside no texto.

Considerações Finais

Vargas (2009, p.41), nas palavras de Osman Lins afirma “que o ato de ler deve ser algo variado, festivo e enriquecedor”. Baseada nessa premissa, a leitura é considerada a mais forte ferramenta do cidadão para adentrar no processo de participação social. É através da leitura que se vai garantir que a criança, o jovem e, ainda, o adulto possam acessar, participar, interferir e, portanto, modificar realidades existentes, sejam elas boas ou ruins, em função do processo de letramento.

Nesse sentido, a fábula representa o esquema fundamental de uma narração, a lógica das ações e a sintaxe das personagens, o curso de eventos ordenado temporalmente, podendo referir-se a ações humanas, uma série de eventos que dizem respeito a objetos inanimados, ou também ideias. (ECO, 2011).

Trabalhar com narrações de fábulas nas classes de alfabetização é um excelente recurso na educação de nossas crianças, pois temos uma variedade de temas, podemos utilizar poucos recursos materiais em sua aplicação e trabalha-se com aspectos internos da criança: caráter, imaginação, raciocínio, criatividade,

senso crítico dentre outros.

Devemos destacar, também, que a fábula é um recurso a mais a se trabalhar no processo de alfabetização, pois a leitura e vivência dessa narrativa é um incentivo na formação dos hábitos de leitura e, o encantamento de suas narrações levam as crianças a vivência de situações desafiadoras e lúdicas, levando-as a pensar, representar, criar, brincar, desenhar...

Por isso, cabe ao professor programar práticas pedagógicas prazerosas, como contar e ler textos de fábulas, assegurando uma relação escolar bem sucedida, em que a criança aventure-se nos ‘*meandros da ficção*’, desenvolvendo assim o seu lado imaginário e sua competência literária, bem como desenvolvendo sua personalidade de forma íntegra capaz de levá-la a agir em sociedade de forma justa e equilibrada.

Referências

- ABÍLIO, Eleonora Cretton ; MATTOS, Margareth Silva de. Letramento e Leitura da Literatura. In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (Orgs.). **Práticas de Leitura e Escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- ALMEIDA, G. P. **Práticas de leituras**. Curitiba: Pró-Infantil, 2010.
- ALVES, L.M. Leitura de fábulas e escrita: percurso de subjetivação ética do aluno-professor.2007. 132f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2007.
- BAGNO, Marcos. Fábulas Fabulosas. In: Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (Orgs.) **Práticas de Leitura e Escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- COELHO, N. N. **Literatura Infantil teoria análise- didática**. 7 ed. São Paulo: Moderna, 2010.
- ECO, Umberto. **Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FARIA, Maria Alice. **Como usar a Literatura Infantil na sala de aula**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- FERNANDES, M. T. O. S. **Trabalhando com gêneros do discurso: narrar fábula**. São Paulo: FTD, 2001.
- GRECO, Eliana Alves. Gêneros Discursivos e tipologias textuais. In: SANTOS, Annie Rose dos; GRECO, Eliana Alves; GUIMARÃES, Tânia Braga.(Orgs). **A produção textual e o ensino** (Formação de professores em Letras – EAD, n.6). Maringá: Eduem, 2010, p. 20.
- LA FONTAINE, J. **Fábulas de La Fontaine**. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989. 2 v.26.
- LIEVEGOED, Bernard. **Desvendando o crescimento: as fases evolutivas da Infância e da adolescência**. São Paulo: Antroposófica, 1994.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. A Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo. In: BARZOTTO, V. H. (Orgs). **Estado de Leitura**. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.
- MESQUITA, Armindo (Coord.) **Pedagogia do imaginário: Olhares sobre a literatura infantil**, Porto: Asa. 2002.
- PEREIRA, Luciano. **A Fábula um gênero alegórico de proverbial sabedoria**. 2005. p. 21-32. Disponível em: < <http://revistas.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/198/169>> . Acesso em: 05 de out. de 2015.
- PORTELA, Oswaldo O. **A Fábula**. Revista Letras. Curitiba: IFPR, 1983. Disponível em:<://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/

view/19338/12634

Acesso em: 13 de out. de 2015.

SILVA, Elza Marins da. Fábula em Sala de Aula como Facilitadora do Desenvolvimento da Leitura. In: **O Professor PDE e os Desafios da Escola Pública Paranaense**, 2010. Disponível em: < www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_uel_port_artigo_elza_martins_da_silva.pdf. Acesso em: 12 de out. 2015.

SILVA, Mirian Rangel Beserra da. **Histórias em quadrinhos e fábulas na sala de aula**: motivando a leitura e a produção textual. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUZA, Deusa Maria. Autoridade, Autoria e Livro didático. In: CORACINI, M. J. (Org.) **Interpretação, Autoria e Legitimação do livro didático**. São Paulo: Campinas, Pontes, 2003.

VARGAS, Suzana. **Leitura: uma aprendizagem de prazer**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.